

Paço (nome de um sítio); e paralelamente *f* em *cofer* (com agulha), e *ʒ* em *cozer* (ao lume); ao mesmo tempo observei que *-s* e *-ʒ* finais não se distinguem entre si (*lus* = luz; *fês* = fêz, que rima com *tres*), isto é, têm ambos o valor de *s* côncavo atenuado;

Sirbério por *Silvério*, a par porém de *cáldo*.

116. Contrariamente ao que fica dito no § 115, tenho num apontamento: *-óm* em *coraçóm* (pl. *-ões*), *carbóm* (pl. *-ões*), fenómeno igual ao que se observa em Melgaço (vid. supra, págs. 310 e 317). Talvez assim pronunciem algumas pessoas de idade: cfr. a mesma oscilação em Monção (supra, págs. 397-398).

117. Na morfologia: *eu stêbe*, *ele stibe*; *beio* (não *bêo*, como noutras terras minhotas); êles *culucum* («colocam»), de *culucar* (colocar), êles *ándum*. A forma *culucum* nunca a ouvi senão aqui, a pesar de se dizer por tôda a parte *culucar* a par de *quelucar*. — Deminutivo: *pequeninho*.

118. Diz-se *bacúro* a par de *bácoro*. Aquela forma é tirada do deminutivo *bacorinho* (= bacurinho).

PENAFIEL:

119. Alguns fenómenos fonéticos característicos:

ê (não *-iê* em: *bênto* (vento), *sêmpre*, *têmpo*;

ch, *b* < > *v*; *sêntir*, *arrancaró'* (arrancáram), *destruíro'* (destruíram); *infalmaçõu* (talvez *-õũ*);

Sabolido, de *Cebolido*; *calcorá*, noutras terras *calcoré* (codorniz);

êsta, com *ê*, como em *êste*;

gulguijar (gargarejar) e *gulgueijo*.

120. Fonética sintática: *pál dizer* (para le dizer; le «lhe»); *pàqui* (para aqui); *pacá* (para cá).

121. Morfologia: *cinco bês*, com *bês* < *vez(e)s*, fe-

nómeno originariamente fonético; *tuído* (tudo: cfr. supra, § 106, nota 31); *désonte* (desde ontem; *des* é arcaico: cfr. supra, § 98); *à pé da Ponte* (ao pé).

PONTE DA BARCA:

122. Por abreviatura o povo diz *a Barca*; mas falando de Ponte de Lima, diz *Ponte*. Assim se distingue uma *Ponte* da outra. Por exemplo: *moro na Barca*, *moro em Ponte*, — num caso com o artigo, no outro sem êle.

123. Alguns fenómenos característicos, como no Baixo-Minho:

-*õu*, por exemplo, *capelõu*;

-*mação* «maçã».

Desnasalamento em *vinhero'* (*vinherom*) «vieram»; *êles come'* «comem»;

-*ũ-* e -*ëm-*; *cumprar*, *bënder*;

gãicho (gancho), *Sãi-João* (ou talvez *Joõu*).

Parece que se diz *õu*.

124. Nem *ê*, nem *ô* se ditongam: *pêra*, *pêna*; *mõnte*, *fõnte*, *fõgo*, *mõrto*. Nem *ię*, nem *ũò*.

125. Diz-se *stréla* (cfr. § 124) e não *stréla*.

126. Em muitas terras imita-se, por zombaria, a linguagem de outras. Nem sempre porém se escolhem fenómenos característicos; às vezes não se passa de frases corriqueiras. Em Ponte da Barca diz-se que quando um rapaz em Germil vai pedir uma rapariga em casamento, e chega à porta da noiva, se trava o seguinte diálogo entre êle e alguém da família da casa:

— Ólê? (òlá)!

— Qui é que quêr?

— Gente de paz e bô viver.